

REVISTA  
DE

# TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL  
DE TURISMO, PROPAGANDA,  
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE  
E LITERATURA □ □ □

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO V  
II SERIE

JANEIRO 1921  
N.º 103

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO  
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO  
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

## PORTUGAL E O TURISMO

DIVERSAS e varias condições teem originado que a «Revista de Turismo» não seja simplesmente — como era nosso desejo que fosse — um órgão de informação do turismo e de descripções interessantes e proveitosas, de factos e coisas do nosso paiz. Seria para nós bem mais facil essa missão, que nos proporcionaria, ao mesmo tempo, a satisfação de descrever as belezas da nossa terra, de traduzirmos, tão fielmente quanto possível, as nossas boas impressões e as agradaveis recordações recolhidas nas viagens que fizéssemos pelo Paiz, sempre de interesse para quem as tivesse gozado e de atração para os que pensassem em conhecer a sua patria.

Era, principalmente, esse o nosso principal intento ao concebermos a ideia da publicação da presente Revista, ha perto de seis anos.

Mas, como disse Victor Hugo:

*«Aujourd'hui l'homme semme la cause  
«Demain, Dieu, fait mourir l'effet.»*

E, assim, o estudo profundo a que nos tem obrigado a nossa responsabilidade de jornalistas de turismo, tem-nos conduzido a uma situação onde... nos não subvertemos, porque uma grande fé nos anima; não desistimos, sómente porque uma

maior esperança nos acalenta n'esta fria solidão; e continuamos a nossa senda, porque, ainda, a nossa persistencia e a tenacidade de que somos dotados nos obrigam a proseguir, caminho a deante, sobre a estrada que de principio traçamos.

Se, porem, fossemos de qualidade de sobrar ao primeiro embate da desdita, já ha muito que tinhamos naufragado.

E porque os escolhos se levantam tão seguidamente ao desenvolvimento da causa a cuja defeza temos consagrado o melhor dos nossos esforços, a *Revista de Turismo* tem-se visto na necessidade de sêr um órgão de critica, contrariamente ao ideal que a originou.

Isto — seja dito em abono da verdade — porem, como um devêr, e não como a satisfação de caprichos, nem de veleidades.

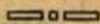
— — —

Não é, porem, sem uma grande magua que assim procedemos; tanto mais que, sendo — como é — a «Revista de Turismo» bastante lida pelo estrangeiro, esse facto, impôr-nos-hia uma determinada reserva nas nossas apreciações.

Mas — francamente — achamos demasiada inconsciencia e tacita cumplicidade da nossa parte, não opôr a barreira da

nossa dura apreciação ao proseguimento d'um estado de coisas que não se explica, nem se justifica.

D'ahi a razão porque não somos simplesmente um órgão de informação e de descrições sobre turismo, e nos vemos na desagradavel necessidade de fazer critica.



Ora, esta introdução significa, apenas, que nos não movem outros interesses que não sejam aqueles que vimos defendendo desde o inicio da publicação d'esta Revista.

Seria escusado esta confissão se não tivéssemos o intuito de, mais uma vez, confirmar o que em tantas ocasiões temos claramente dito n'estas columnas, para que se não julgue que, systemáticamente, fazemos critica.

Assim, temos toda a liberdade de apreciação, consentida e autorizada pela nossa linha de conducta.

E ninguem — sem duvida — nol'a contestará.

E' pois, colocados obrigatoriamente n'esta ingrata situação que, uma vez mais, nos vamos referir á estagnação em que se encontra o turismo em Portugal.

Descrever, novamente, as condições excepcionalissimas em que o nosso Paiz, por sua propria natureza, se encontra para uma activa e intensa exploração da industria do turismo, seria abusar da paciencia dos nossos leitores e não colher resultados diferentes dos que se teem manifestado até agora.

Temol'o feito, todavia, vezes sem conta, simplesmente esperançados no resultado do rifão :

*Agua mole  
Em pedra dura,  
Tanto dá  
Até que fura.*

— Mas... a rocha é dura, muito dura

e por isso, a nossa *agua mole* ainda a não furou.

Temos, tambem, em numeros sucessivos d'esta Revista, apreciado a propaganda que do nosso Paiz se tem feito lá fora — e que não foi nenhuma, por assim dizer, até a recente instalação do Posto d'informações em Paris.

Apreciando, então, a criação d'esse posto, sugerimos a idéa — que depois temos vindo defendendo calorosamente, da criação d'um serviço especial de intensa propaganda na America do Sul, continente naturalmente indicado para a unica importação realmente proveitosa que podemos e devemos ambicionar — a das populações que o povoam; mostrando clara e concludentemente, as vantagens que d'ahi auferiríamos.

Mas, até hoje... nada ainda.

Não nos cançámos de descrever o que no estrangeiro se fez durante a guerra, para — terminada ela, as nações exploradoras da industria do turismo voltarem á sua antiga situação, com a vantagem de maiores recursos a utilizar.

A este respeito fizemos previsões que tem sido excedidas; isto — bem entendido — apenas no intuito de estimular os portugueses.

Todavia, eles ainda não se mexeram.

Frizámos, ainda, n'essas referencias, quanto os outros apenas tratavam só de si, e dos recursos extranhos se serviriam unicamente em seu directo beneficio.

O mesmo *dulce far niente* tem continuado.

Emfim, temos procurado por todos os meios, contrariar a lethargia que se apoderou d'este malfadado Paiz; mas constatamos, com o mais sentido dos pezares, que tudo tem sido infructifero.

Não desistiremos, porem, na nossa tarefa e continuaremos até onde for possivel, esperançados em que melhores dias virão para Portugal.

José LISBOA





## CARTAS DE PARIS

*O Inverno em Paris — Os portos do Havre  
e de Dunquerque em inferioridade ao de Lis-  
boa — O Sol de Paris e o Sol de Portugal*

**E**STE inverno tem sido aqui um tanto doce e tranquilo. A'parte umas ameaças de neve, no mez passado, o tempo tem estado quasi outomnal, e por vezes, talvez, mesmo primaveril. Isto na cidade da luz, depois do mez de Outubro, é caso raro, pois só é dado vêr-se o sol ahi pelas alturas de Abril! Mas, este ano, ele tem vindo até cá abaixo, espreitar o *Boulevard*; e tem-se demorado mesmo a aquecer os ramos desfolhados das arvores das Tullherias, que uma passarada bravia não tem abandonado.

Parece, porém, que só em Paris assim tem sucedido; pois para o Midi e, sobre tudo, nos Pirineos, o frio e a neve tem sido tão grandes que os agricultores andam preocupados com a continua e intensa invernía que ali se tem feito sentir.

Nos Portos do Norte: Havre, Dunquerque e Anvers, o temporal chega a impedir a navegação, obrigando os vapores a pairar fóra do porto, com receio de irem esbarrar nas docas.

E — a proposito — devo dizer que o nosso admiravel porto de Lisboa, se não tem rival na Europa pela sua situação geographica, tambem tem poucos que o

igualem em condições naturaes. No Havre, em Dunquerque e em outros portos do norte da Europa, não se entra quando se quere; é preciso esperar a maré, porque esta, fazendo 8 metros de diferença de nivel na baixamar, não permite a entrada mesmo a pequenos navios que demandem pouco calado.

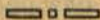
E', pois, só, durante duas a trez horas, que os grandes paquetes podem entrar e sahir n'esses portos.

Sucedede, muitas vezes, que o preamar só se dá a horas mortas da noite, o que causa grande preocupação ás gentes do mar pelas dificuldades que então surgem para o movimento de navios, porque logo que a agua começa a descer, as docas são fechadas, ficando dentro d'elas os navios engarrafados á espera d'outra preamar. Acontece isso em quasi todos os portos da Europa, incluindo alguns da Inglaterra que não oferecem as grandes facilidades naturaes d'acesso como o de Lisboa.

Depois, quantas coisas a atender para o funcionamento d'estes portos, com tão grande diferença de aguas! Os navios tem que ter um certo calado de agua; de con-

trario, arriscam-se a ficar do lado de fóra, como ha pouco aconteceu ao nosso *Traz-os-Montes*, no Havre, que não poude entrar nas docas!

E lembrarmo-nos, nós, que temos um porto como o do Tejo, onde podem entrar e sahir a todos as horas e com todas as marés os maiores navios do mundo! — onde a capacidade do seu belo estuario abriga todas as marinhas do globo!!!



Mas deixemos d'estes materialismos, que nos encham de inercia, ante a indiferença descuidada que vae pelos homens publicos da nossa terra bemditada e vamos outra vez ao sol de Paris, que não é — isso o sabemos todos nós — como o do nosso cantinho do Ocidente, mas que traz os parisienses n'um extraordinario contentamento como se isso fosse uma coisa rara e preciosa agora aparecida.

No domingo passado, ás onze horas, o sol rompendo com umas nuvens que faziam o pacato parisiense contemplar o

guarda-chuva, ao sahir de casa, appareceu festivo e radiante. Foi um delirio.

Paris inteiro veiu para a rua; encheu terraços e cafés; inundou os jardins, praças e passeios como se estivessemos em vespersas do 14 de Julho.

Todos os rostos sorriam de alegria, mas da alegria festiva dos grandes dias, que tão raros são n'estes tempos que vão correndo...

Por toda a parte se ouviam os comentarios mais agradaveis que se podem consagrar, como a um presente inesperado, a esse lindo dia de sol, que para ser completo faltava-lhe aquele azul do ceu que só ha em Portugal, e de que tanto vou estando aguado...

Quem pudesse levar, em peso esta gente toda á nossa terra querida, aquecel-a ao nosso sol e deslumbral-a com o azul sereno do mar das nossas praias!... Não voltava cá nenhum,

E' por isso que os que lá vão, lá ficam.

Paris, Janeiro 1921.

GUERRA MAIO

## PORTUGAL PITORESCO



UMA NEVADA NA CIDADE DA GUARDA



## TURISMO INSULAR

### CARTA DA MADEIRA

Funchal — Dezembro 1920

O vosso amavel convite, para colaborar na interessante *Revista de Turismo*, não podia deixar de merecer o meu melhor acolhimento. Nenhum outro órgão pôde defender os interesses da preciosa industria das viagens com a auctoridade d'essa Revista; e por isso, muito gostosamente presto o meu concurso a essa obra, visto os beneficios d'ela resultantes deverem ser extensivos á Madeira, que é — senão o mais propicio, por certo o melhor campo de vilegiatura de Portugal, e que muito terá a lucrar com o desenvolvimento d'essa industria.

Mas... esta ilha é habitada por portuguezes — heroicos na guerra, valorosos no combate, audaciosos nas suas temerosas idéas, bravos em tudo quanto represente lucta, menos n'aquela em que deviam, com mais interesse proprio e maior proveito para o bem estar geral, ser mais expontaneos — a lucta pela vida, na grande acepção d'esta phrase.

E' assim que a Madeira, esta encantadora ilha creada pela Natureza para um delicioso refugio, se estiola por um completo abandono, no que respeita especialmente á exploração dos seus naturaes encantos, das belezas originaes que possui,

em cuja distribuição a Natureza não re-gateou os seus melhores dons.

Pois a Madeira, estação climaterica por excelencia; com esplendidos atractivos naturaes para estimular os estrangeiros a visital'a, a conhecerem-n'a e consequentemente a desejarem-n'a, está hoje, por assim dizer, como sempre estêve. Em nada tem mudado. Coisa alguma se tem feito para chamar a população fluctuante estrangeira, que hoje é a alma e a vida das cidades.

Apenas tem conservado os seus typos originaes, o seu cunho nativo, e isso já é alguma coisa — digamos em boa verdade.

O que, porém, desejavamos é que, a par d'uma cuidadosa manutenção do existente e que representa uma tradição, um uso ou um costume propriamente da terra, se facilitasse aos estrangeiros o conhecimento d'esses preciosos elementos d'admiração; que todos os pontos d'esta encantadora ilha, a começar pelos da sua principal cidade, fossem comoda e facilmente acessiveis aos turistas; que n'esses sitios se lhes proporcionasse todos os atractivos, que o viajante, habituado a correr mundo, não dispensa, seja onde fôr.

O turista anda sempre á procura do imprevisto, do inédito; e um verdadeiro imprevisto é oferecer-se-lhe uma comodidade onde não é esperada; é proporcionar-se-

lhe um conforto onde ele não pensava encontra-lo; é surprehendel'o com a satisfação inesperada dos seus mais atrevidos caprichos, onde menos a julgava possível.

Além d'isso, ele requer tambem onde possa repousar, com prazer, das sensações que experimentou durante o dia; como igualmente não dispensa distrações nos momentos em que o seu espirito procura mudança de scenario, por exigencia dos sentidos, ou pela curiosidade de conhecer mais de perto a vida real ou superficial do povo que então o acolhe.

Ora, é isto tudo que falta na Madeira, onde tudo isso e mais alguma coisa deveria haver.

Não ha viação electrica, e a mais acelerada por outra forma de tração, tem de ser sempre a mesma, em vista das condições topographicas da ilha.

Portanto, uma rêde de tramways electricos desde ha muito que aqui havia de existir se os madeirenses fossem mais nacionaes. Assim se resolveria um dos grandes problemas de fomento na Madeira.

Bons e grandes Hoteis no Funchal — é coisa que não ha. Pequenos restaurantes para se lanchar ou tomar chá, como se encontram na França e na Suissa para comodidade dos viajantes — não sabemos aqui da sua existencia.

Emfim, para encurtar esta descripção — tudo quanto não represente uma exploração de proveito immediato, não vinga n'este

torrão bemdito devido á falta de comprehensão ou a uma errada noção da realidade das coisas.

Por isso, o estrangeiro apenas conhece a Madeira pela excelencia dos seus vinhos licorosos que, mercê d'uma incomparavel sorte, adquiriram fama mundial.

— Porque, de resto, até parece que tudo se está conjugando para... arredar ainda mais os estrangeiros da nossa bela Ilha, e mais vão proporcionando a concorrência que nos está sendo feita deslealmente.

Para isso, até agora a exploração irritante a que se tem entregado os proprietarios das lanchas a gazolina, no serviço de embarque e desembarque de passageiros.

Muito mais haveria a contar, o que reservarei para outra carta, quando a oportunidade se me apresente.

Queria iniciar a minha colaboração na *Revista de Turismo*, que já tão gentilmente se tem referido a esta terra, com uma descripção que mais interessasse aos seus leitores; mas a pena escorregou-me para este desabafo, que outro campo não podia ter melhor para se expandir; pois estou na crença de que a acção persistente da mesma Revista e que tão benéfica tem sido já para o Turismo no Continente, se ha de ampliar até á defeza do Turismo insular.

Assim o espero.

C. N.



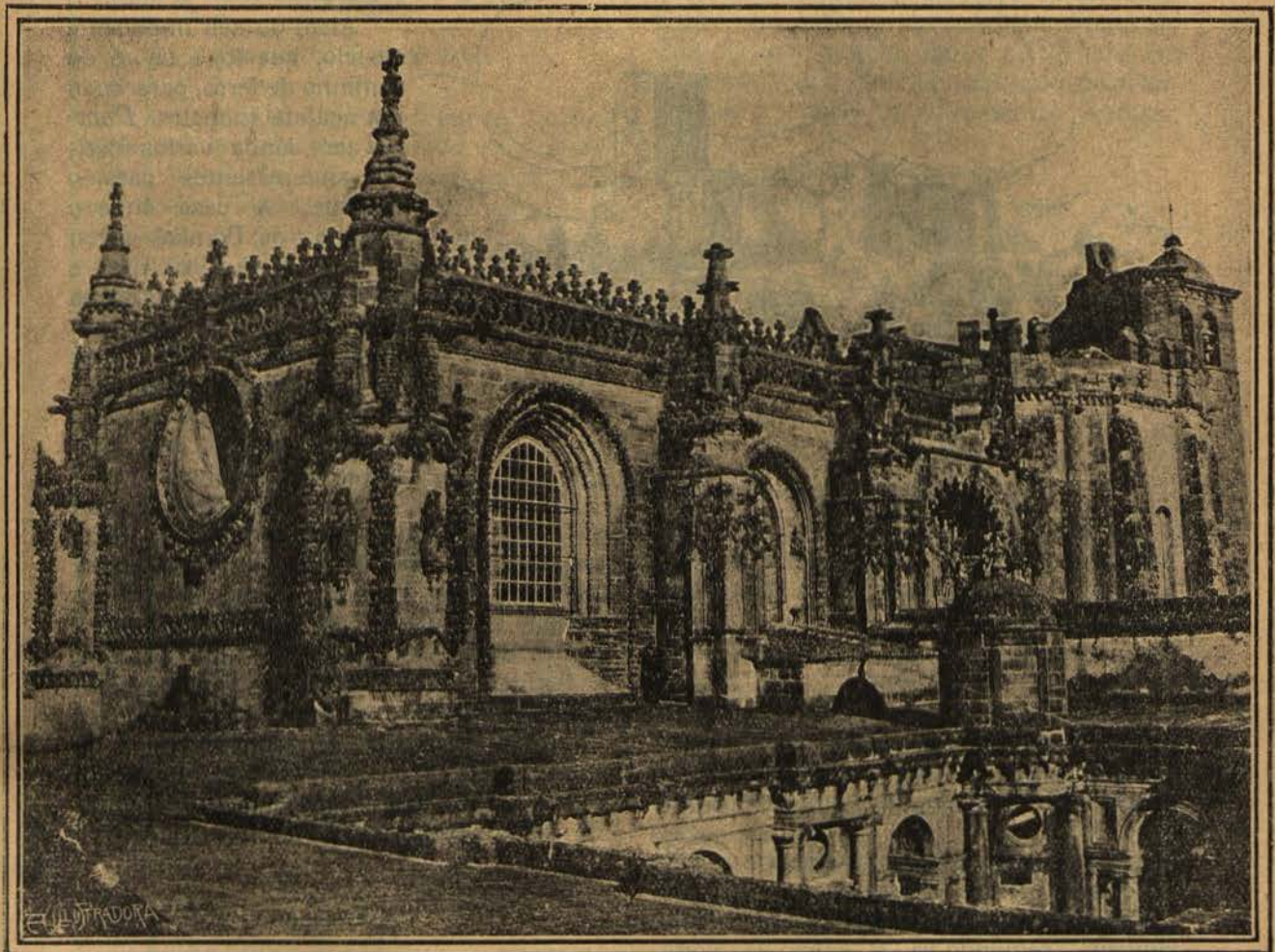


RIQUEZAS PATRIAS

*CASTELOS DE PORTUGAL*

**D**EPOIS de uma jornada de 11 kilometros (35 de Leiria), agora entre vinhedos sem fim, chega-se á estação de

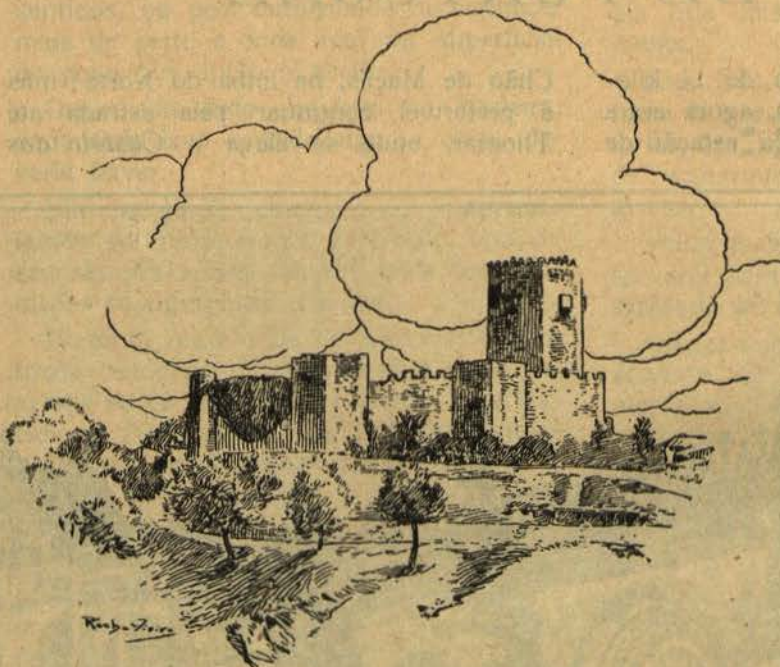
Chão de Maças, na linha do Norte; mas é preferivel continuar pela estrada até Thomar, onde se eleva o *Castelo dos*



CONVENTO DE CRISTO

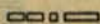
*Templarios*, junto ao convento de Gualdin Paes, (no alto do serro que domina a cidade) e o Nabão, que se volteia amorosamente, entre os pomares, fazendo mover a azenha das grandes fabricas, regando a horta e os pomares.

Que mais dizer de Thomar, senão que o seu castelo e o convento são sacrosantos preciosos onde a Arte se recolhe no silencio de um templo, e que a sua paisagem verde, vestindo colinas e aro-



CASTELO DE SABUGAL

matizando vales, é um axioma que exalta a alma de prazer e arrebatada a vista n'uma infinita adoração!



A cidade tem dois hotéis, onde a suavidade fresca do rio colabora com a hospedagem aceiada, no conforto dos passageiros.

A sua população é laboriosa e a vida da cidade oferece interesse.

Thomar ou Ourem podem ser vistos, também, seguindo-se a linha do Norte, onde ha combois rapidos, até Paialvo.

D'esta estação a Tomar são 7 kilometros, com meios de transporte a todos os comboios; podendo-se assim fazer a viagem em qualquer dos sentidos, visto a facilidade de comunicações assegurar o regresso por qualquer dos caminhos.

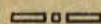
De Leiria, uma estrada leva a Pombal, alongando os seus 34 kilometros por planicies sem fim, em que o arvoredo forma um tão espesso tunel de verdura, que o «macadam» desaparece, na imensidade de uma sombra quasi continua. As rétas n'ela são tão prolongadas, que os automobilistas perdem ali a noção da vida, para voarem n'uma vertigem de 100 e mais kilometros á hora!

Alem do seu imponente castelo, que logo se vê do caminho de ferro, parecendo um açafate monstro, *Pombal* tem ainda varios motivos interessantes para o viajante. A casa onde o Marquez de Pombal viveu os seus derradeiros dias e cuja janela gradeada deita para a travessa, e a interessante igreja na encosta sul do castelo, com imagens em pedra de rara beleza, constituem dois interessantes atractivos.

A estação do caminho de ferro é junto á vila, onde

ha dois pequenos hotéis; porem, a pouca distancia fica Coimbra onde os turistas podem ir repousar, em virtude dos constantes comboios que param em pombal, e também n'aquella Cidade, em cuja estação a paragem é obrigatoria.

Alem d'isso, ha ainda o recurso de Lisboa, Luzo ou Porto, onde o viajante pode facilmente dirigir-se pelo caminho de ferro, conforme o itinerario que tiver traçado.

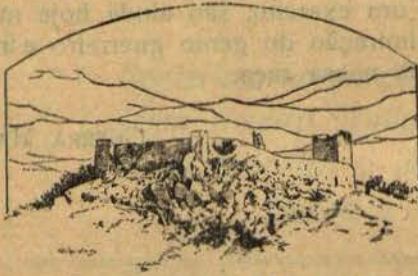


Na linha ferrea da Beira Alta, ha



tambem varios castelos de extraordinario valor historico e archeologico.

Para os visitar, deve seguir-se até Pampilhosa, na linha do Norte, Entroncamento com a da Beira Alta, onde se trasborda para outro comboio; e decorridos 118 kilometros, surprehende-nos, a dois passos da estação, o velho *Castelo de Celorico da Beira*, dominando a vila e convidando os passageiros do comboio a visital'o.



CASTELO DE CELORICO DA BEIRA

Este castelo, com algumas torres ainda em bom estado, recorda um grande gesto, quasi lendario, da dedicacão do seu alcaide, Fernão Rodrigues Pacheco, a D. Sancho II; tal como Martin de Freitas, governador do Castelo de Coimbra, que só d'ele entregou as chaves sobre o tumulo do seu rei, em Toledo.

O brazão de Celorico, é um escudo bipartido ao alto, tendo n'um dos lados uma aguia, sobre uma torre, com uma truta no bico, que justifica a lenda, do cerco de D. Affonso III ao castelo, no tempo do famoso Fernão Pacheco. Essa lenda refere que estando a guarnição da praça em desesperada resistencia por falta de viveres, passou por ali uma aguia levando no bico uma truta, que deixou cahir no castelo. Pacheco mandou-a cosinhar e remeteu-a a D. Afonso, como prova de abastança da praça. A' vista d'esta largueza, o rei sitiante mandou levantar o cerco.

E assim nasceu esse symbolo do brazão.



Tomando-se novamente o comboio, uma hora depois está-se na Guarda e no

trajecto, baixando-se a vista para o sul, admira-se o esplendido vale do Mondego, e, ao fundo, Celorico, com o seu castelo, que se distingue entre o casario garrido.

Na *Guarda* ha só uma velha torre de menagem, sem arte nem beleza; em compensação, a Sé, só por-si, justifica uma visita, pois as suas arcarias, columnatas e ornatos em pedrã, agora restaurados, são uma maravilha.

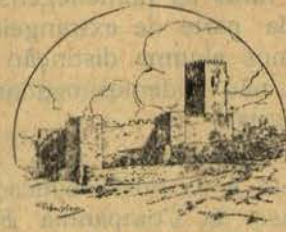
Trez castelos, em defesa da Guarda, estão postados para o lado de Espanha, lembrando a linha avançada da epoca das conquistas: Sabugal, Almeida e Castelo Rodrigo.

*Sabugal*, dista da Guarda 33 kilometros, ou 25 da sua estação, caminho que um automovel percorre diariamente. Esta vila assenta na margem direita do Côa. O seu castelo, unico no genero em o nosso paiz, foi immortalizado pela linguagem popular nos seguintes versos:

Castelo de cinco quinas,  
Não ha outro em Portugal

.....

A sua famosa torre, pontagonal, vestida de ameias, tem trez andares sendo



CASTELO DE ALMEIDA

dois de abobada, em cujo fecho se vê a velha corôa de D. Diniz.

A torre é cercada de muralhas, com quatro fortes torreões, que formaram n'algum tempo um reducto inexpugnável.

Todo este conjuncto de muralhas está bem conservado.

Uma tarde não chega para visital-o minuciosamente.

No Sabugal ha só hospedarias, onde todavia se pode passar uma noite, não se querendo recorrer á Guarda.

No regresso, enquanto a estrada, que ha-de ligar a vila á estação de Vila Fernando, não estiver concluída, preferível é voltar á Guarda e tomar o comboio da Beira Alta em direcção a Vilar Formoso, onde se encontra, ao comboio correio, uma diligencia que em duas horas conduz a *Almeida*.

Vila modesta e humilde é Almeida, que uma dupla cinta de muralhas de boa pedra, emoldura, com o trigo verde que cresce alto no fundo dos seus fossos. A torre de menagem, bem como as muralhas são de construcção anterior á Edade Média. Estão em excelente estado de conservação.

As muralhas de Almeida repeliram, com firmeza heroica, o embate das tropas de Massena; e nas suas casas matas, onde a luz entra a custo pelas estreitas frinchas das paredes largas, ou da abobada, estiveram, presos, por interminaveis dias, os liberaes do consitucionalismo.

As casas matas, as portas falsas das muralhas, o imenso poço que pode abastecer um exercito, são ainda hoje motivo de admiração do genio guerreiro e inventivo da nossa raça.

GUERRA MAIO

## MARINHA MERCANTE

### PAQUETE "BRAGA,"

São tão raras as homenagens a Portugal, da parte de estrangeiros, que, quando vemos alguma distincção feita ao nosso Paiz, não podemos ocultar a nossa legitima alegria.

Isto é, simplesmente, filho do nosso temperamento e da nossa educação.

Foi o caso da Companhia Fabre, de Marselha, que explora a linha de navegação maritima entre o Mediterraneo e a America do Norte, com escala por Lisboa, ter baptisado um dos seus vapores, ultimamente construidos, com o nome de «Braga» como delicada homenagem a Portugal.

Isto, seria um caso banalissimo, se não nos lembrassemos de que apenas existe, no estrangeiro, um vapor com o nome de *Portugal*; mas esse mesmo é um pequeno barco francez, de 200 toneladas.

Todavia nos registos francezes, inglezes, holandezes, e principalmente nos do Lloyd, existem varios navios com nomes

e rios de outros paizes, homenagens assim lançadas a titulo de sympathia e de amizade.

Antes da guerra, ainda havia uns navios alemães, com o nome de terras portuguezas; mas desaparecida a marinha germanica ficámos reduzidos a zero na nomenclatura dos navios estrangeiros.

Ironia das coisas da vida. Era de certo Portugal que mais merecia taes homenagens, pois é a nação que maior tributo tem pago á bandeira estrangeira.

Não quiz porém o *Bureau* de Paris da Propaganda de Portugal ficar extranho a essa homenagem da Companhia Fabre, e por isso, mandou fazer um quadro a oleo, representando o Bom Jesus do Monte, para ser colocado n'um dos salões do novo paquete; facto esse que muito sensibilizou a companhia armadora do navio.

Foi uma idéa feliz, pelo seu duplo significado.

## ARTE E LITERATURA

## CREPUSCULO

POR *EUGENIO DE CASTRO*

*Sentei-me no jardim, acabrunhado e só...  
Uma roseira vendo arranquei-lhe um botão  
E na botoeira o puz, de modo que ficou  
Sobre o meu coração.*

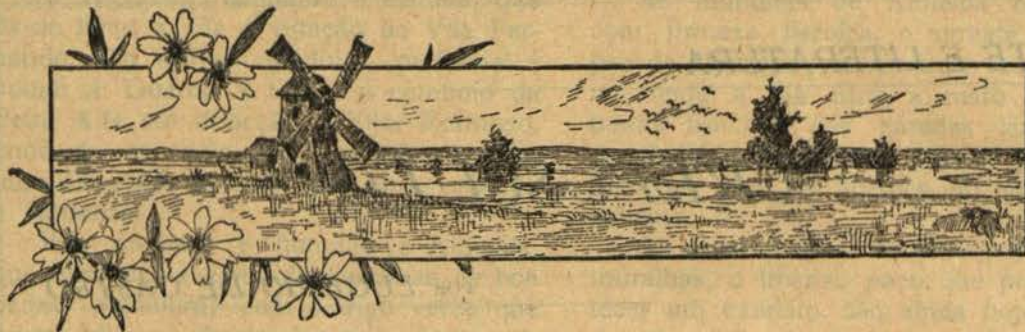
*Sempre a pensar em ti, seguia, com o olhar,  
Das aguas verdes a passagem silenciosa.  
N'isto uma borboleta azul veio poisar  
No meu botão de rosa...*

*E coisa singular! meu coração sentia  
Os beijos virginaes que o insecto dava à flôr,  
Como se a tua bocca a beijasse, e batia  
Doido, doido d'amor ...*

*Mas breve a borboleta, agitando o setim  
Das suas azas de turqueza, foi voando,  
Voando em direcção do encantado jardim  
Onde me estás esp'rando.*

*Trindades. Tudo em paz. No ceu côr de violeta  
Subia tristemente a lua plena e calma...  
— Beatriz! Beatriz! Aquela borboleta  
Seria a tua alma?*





## UMA VISITA A MAFRA

### O QUARTO N.º 6

.....  
**E**NTRANDO NO Museu dos paramentos de Mafra, a vista é surpreendida pela alinhada série de salas e salões que, em perspectiva, seguem pela frente do Mosteiro, na altura do andar nobre; e por muito prevenido que o visitante esteja, a admiração pelos objectos expostos é sempre grande, tal é a profusão e a riqueza decorativa da enorme soma de paramentos



MAFRA - Bibliotheca monumento

e de adornos dos altares ali exposta, exposição devida, como já anteriormente referimos, á intelligencia e bom gôsto do malgrado e erudito José Queiroz.

Assim, em numerosas estantes e vitrines, patenteiam-se os objectos sacros dos altares e as vestes sacerdotaes nas várias

côres do ritual católico: branco, vermelho, verde, preto, etc.

O faustoso rei D. João V queria que, n'aquelle seu predilecto convento, essas variadas vestes ostentassem a maior riqueza; mas sendo a regra conventual a franciscãna e, portanto pobre, por principio estatuido pelo grande Santo Francisco de Assis, nem as pedrarias, nem o ouro, nem a prata poderiam ser utilizados para tal fim.

Ladeou, porém, aquelle monarcha a dificuldade, ordenando que se fizessem os adornos com matizes e relêvos dos proprios tecidos e os metaes de liga especial; e assim, em Portugal e na Italia, foram feitas as casulas, as capas, os veus de hombros, todas as vestes, emfim, com as mais dificeis e belas bordaduras e arrendados.

Tem, portanto, muito que vêr e admirar a arte decorativa, que profusamente ostentam os vários naipes de vestes e os acessórios metálicos do culto.

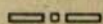
Perguntando-se a D. João V quanto teria importado um recheio de tal aparato, respondera o monarcha — que custara quasi tanto, como a construção do próprio Mosteiro de Mafra!

E', pois, sem favor, um excelente motivo de turismo a visita a tão famôso monumento nacional.

O meu intimo amigo X, confessou-me depois, que ficára positivamente maravilhado ante a abundancia e a beleza artistica de tanta preciosidade, ali patente ao publico n'aquelas numerosas salas.

Como contraste bem frisante a tanta riqueza, o guarda patenteou-lhe em seguida a mesquinha e lugubre céla de um frade franciscano do Convento, tal como em seu tempo era habitada e que se vê agora restaurada na sua primitiva disposição.

A um angulo da céla avulta um catre com umas tábuas por enxerga; a meio da parede nota-se uma estante de pinho para o livro de orações; alguns objectos de barro e um banco vêem-se a outro canto; e alto e bem vizível sobre um descanço, destaca-se uma caveira com o seu estranho riso de mistério, lembrando o *memento homo!*...



Deram as cinco horas nos sinos do carilhão, e X deu por terminada a sua visita ao mosteiro — nem tempo tinha para mais.

Mas tendo já, n'outra ocasião, visto a magnifica igreja, com as suas grandes columnas monolitas de um compósito barroco; as preciosas esculturas; a sua bibliotheca conventual disposta em vasta nave de abobada de berço, como um templo da sabedoria; ficou assim satisfeita a sua curiosidade, pelo que sahiu e foi por ultimo jantar á hospedaria. E como o ter andado tanto de carrada e a caminhada seguinte lhe abrissem o apetite, comeu e bebeu na devida proporção.

Era já fim da tarde, e X divagou, ainda depois da refeição, durante algum tempo pela vila, vendo algumas ruas e estabelecimentos, até que já noite, voltou ao terreiro do convento, e como o luar iluminasse em parte o formidavel edificio, ainda se quedou ali a contemplal-o um bocado.

Por fim, já fatigado, foi ainda X primeiro á hospedaria, pagar o seu débito, visto partir cedo da vila, indo depois para o quarto deitar-se, para o que subindo nova-

mente a rua e reconhecendo o prédio, n'ele entrou, e procurou no corredor o seu quarto n.º 6.

Fechou a porta na tranquieta e esteve ainda um pouco de tempo na janela de sacada, por aquela noite calmosa, admirando a extensa perspectiva do Mosteiro, ao qual grandes sombras e a palida claridade do luar davam phantásticos aspectos; e por ultimo, decidiu deitar-se.

Segundo o seu habito, X apagou a vela, procurando dormir; mas o calor e o extranhar o aposento, obrigaram o meu amigo a estar acordado por algum tempo, ouvindo, de vez em quando, o grave som dos sinos do convento, annunciando os quartos e as horas.

Por ultimo adormeceu.

.....

Em dado momento, ouviu X mecher no fecho da porta do quarto, e esta abrir-se, dando entrada a três personagens: á frente vinha uma menina de uns dez anos, de fato claro, larga fita de côr á cintura e chapéu de palha de abas; a seguir, uma senhora alta, gôrda, bem vestida, com traje de passeio; e por ultimo, um sujeito correctamente trajado de fato escuro: os três entrando no aposento, dirigiram-se para o lado do leito onde X estava deitado, e com mostras de admiração, entalou-se o seguinte dialogo:

— Queira desculpar, disse a dama, nós vimos para o nosso quarto, mas vemos que está já ocupado.

— Perdão, minha senhora — respondeu X erguendo-se um pouco — ha decerto um equivoco de Vossas Exc.<sup>as</sup>, pois eu estou no meu quarto.

— Com certeza ha engano, tornou a senhora — nós estivemos n'uma reunião, e agora vimos para o aposento, que nos pertence.

— Repito, tambem, ha engano minha senhora — retorquiu o meu amigo X — garantto-lhe que estou no quarto n.º 6 que aluguei.

— Não ha tal, este não é o quarto n.º 6, certificou a dama, com aprovação do sujeito que a acompanhava.

— Essa agora é melhor! estou a vêr

—disse X já vexado—que ao sahir da hospedaria me equivoquei no prédio e entrei em outro diverso. Mas quando ainda agora entrei no apôseno, reparei bem no numero 6 da porta.

—O cavalheiro está enganado, pois este quarto, como disse, não é o n.º 6, para o quê queira ir verificar.

O meu amigo X estava preplexo, e pedindo licença, levantou-se em trajas menores, poz um casaco pelos hombros e foi á porta verificar o numero.

Realmente viu que a porta do quarto não tinha o n.º 6, e muito comprometido, reparou então que outras portas do corredor se abriam e que varias cabeças de desconhecidas pessoas o olhavam admiradas, naturalmente pelo barulho feito aquella hora da noite.

N'este momento soaram horas nas torres de Mafra, e X áquele sonoro estrépito, contou mentalmente as quatro, e abriu os olhos.

Com grande pasmo primeiro e depois com hilariedade, verificou, que estava deitado, que o quarto estava escuro, a porta fechada, e que ninguem ali se achava.

Fôra um sônho, e os bronzeos sinos de Mafra é que o tinham acordado.

Clareava o ar exterior, e a aurora dos dêdos rosados, como dizia Homero, dava já ao ceu, para a banda do leste, um lindo tom carminado, em quanto os galos saudavam a poética manhã, com os seus estridentes cantos.

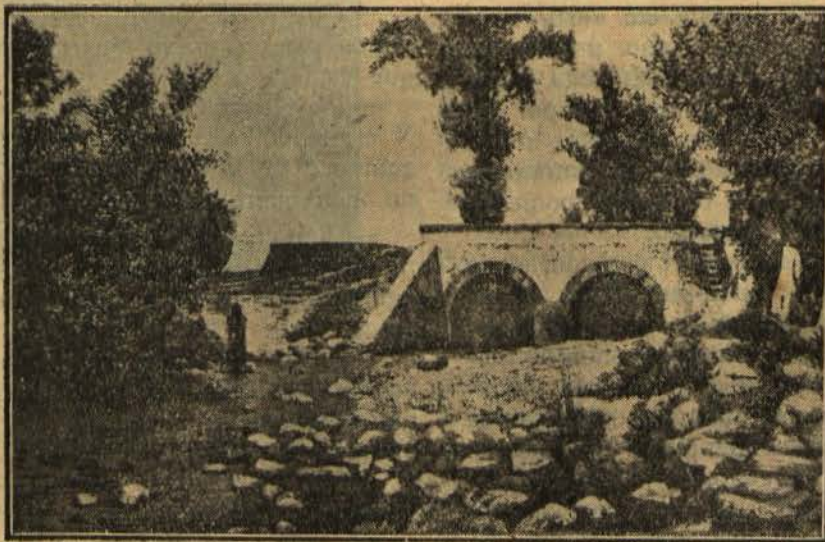
X, depois de rir consigo mesmo, da partida que Morfeu lhe pregara, e já sem somno, levantou-se, vestiu-se, e foi para a sacada vêr nascer o Sol, que d'ali a pouco despontava radioso, como n'uma glória, iluminando os altos do grandioso Mosteiro.

Aproveitando a sahida matinal de um trem devoluto, o meu amigo X deixou Mafra, não sem pensar porém pelo caminho, no curiôso encadeamento lógico de casos, uns acontecidos, outros sonhados, por que de noite passára n'aquela vila extremêna.

O meu caro X tem contado o extrânho facta a várias pessoas, que ficam sempre surprehendidas com o desfêcho; e agora conta-o na *Revista de Turismo* a voçelencias

RIBEIRO CHRISTINO.

## A NOSSA CAPA



Ponte Mourão - Arganil

NOTÍCIAS DIVERSAS*HOTELEIRA PORTUGUEZA*Hotel do Caramulo

**P**OR notícias recentes, somos informados de que vão muito adiantadas as obras do novo Hotel-Casino em construção na Serra do Caramulo, bem como as da represa para a fabrica de electricidade que ha de servir aquela estancia.

O novo Hotel, que será dotado de todo o conforto moderno e das mais recentes comodidades, deve ser aberto ao publico talvez a tempo de já poder funcionar no corrente ano.

Hotel da Praia da Rocha

**C**OMEÇARAM já os importantes trabalhos para a construção do novo Hotel da Praia da Rocha, pertencente á Sociedade dos Grandes Hotéis de Portugal, que assim vae dotar aquela bela estancia balnear com um melhoramento de vulto.

Dado o grande incremento que as obras teem tomado, espera a empreza que — se não no todo, pelo menos parte do edificio poderá entrar em exploração no mez d'Agosto do corrente ano.

Hotel de Turismo em Coimbra

**A** mesma Sociedade dos Grandes Hotéis acaba tambem de adquirir, á Camara Municipal de Coimbra, uma area de 3.300 metros quadrados de terreno, no sitio de Insua, junto ao Mondego, para a edificação do seu Hotel de Turismo, que terá o typo do Ritz, de Barcelona e conterá 454 quartos.

Em torno do hotel vae a Camara Municipal d'aquella cidade fazer um jardim com a superficie de 10.000 metros quadrados, aproximadamente.

A construção d'este hotel deve iniciar-se dentro de pouco tempo, envidando a

Sociedade proprietaria os seus melhores esforços para que a sua inauguração se faça o mais breve que seja possivel.

Grande Hotel de Vila do Conde

**A** Companhia Portugueza de Turismo, sucessora da Sociedade Praia de Vila do Conde, solicitou do Governo que lhe sejam transferidas todas as regalias concedidas á sua antecessora, para a construção e exploração de hotéis, casinos e outros, na praia de Vila do Conde.

E' de esperar que a resolução do Governo não se faça esperar, afim de que aquella Companhia possa proseguir nos importantes melhoramentos projectados e que muito veem beneficiar a linda praia de Vila do Conde.

A mesma Companhia, que hoje é tambem proprietaria do Hotel Universal, do Porto, o qual se acha presentemente sob a direção do estimado e habilissimo hoteleiro Sr. Wissmann, tem já projectado uma importante remodelação de forma a tornar esse hotel o melhor e o mais grandioso da Invicta Cidade.

Ligações internacionaes

**A** questão do restabelecimento do *Sud-Express* Lisboa-Paris, está de demorada resolução, devido á *inexplicavel* intransigencia da Companhia do Norte de Espanha.

Por parte das Companhias portuguezas interessadas no trafego internacional, teem-se empregado os melhores esforços no sentido de se restabelecer essa ligação rapida e de luxo, estando a Companhia dos Wagons-Lits prompta a recommear o serviço logo que a Companhia do Norte de Espanha aceda ás instantes diligencias feitas, n'esse sentido, pelas outras interessadas.

Na Madeira

**I**NFORMAÇÕES que directamente recebemos do Funchal, dizem-nos que se pensa ali no estudo de novas estradas de turismo, a fim de se proporcionar ao visitante a maior facilidade para percorrer a formosa ilha e apreciar os seus interessantes pontos de turismo.

PROEZAS CAMARARIAS*O "embelezamento," da Capital*

**N**ão podemos deixar de consagrar hoje um cantinho á *distincta* Camara Municipal de Lisboa, que tanto se vem preocupando com o «embelesamento» da nossa primeira Cidade.

A falta de espaço não nos permite que lhe consagremos um artigo de *hossanas* pelos seus nunca desmentidos meritos e pela especial competencia que tem revelado como administradora dos interesses do primeiro municipio portuguez.

Não perderá pela demora, porque nos esforçaremos, quanto pudermos, por mais uma vez, lhe enaltecer as suas verdadeiramente originaes qualidades.

Porém, como preludio d'esse nosso laudatorio — que ha de ser o mais esmerado possivel — vamos transcrever uns períodos d'uma chronica d'um brilhante jornalista e não menos distincto auctor dramatico.

Resa assim :

Desatinos

«A nossa camara municipal não quer perder a popularidade que tão triste e pouco sensatamente grangeou. Na sua teimosia, porque o é, e bem asinina, de dar cabo do Rocio, uma das poucas praças bonitas que a cidade possui, tem mandado derrubar olmos anosos, refrigerio de algumas gerações, de homens e animaes, que á sua sombra se acolhiam durante os ardentes calores estivaes e durante as bategas de aguas com que o inverno nos mimoseia. Lá se foram abaixo. O culto da arvore desenvolvido em todo o mundo civilizado, e até no que não o é, ape-

Para esse fim tem sido já feitas algumas excursões pelas autoridades e technicos madeirenses, o que faz prever que esse consideravel melhoramento se ha de, talvez brevemente, tornar em realidade.

Fazemos votos para que tal suceda, pois a esplendida ilha do Atlantico, por todas as condições que reune, deve occupar o seu legitimo logar de estancia das mais apreciaveis para a vilegiatura mundial.

nas encontra na nossa edilidade uma furia de destruição só semelhante á dos ratos, animaes que a sciencia hoje considera como o mais nocivo dos bichos, por ser o primeiro vehiculo da peste.

Que mal fariam os olmos no sitio em que estavam ?!

Testemunhas mudas de tantas revoltas, de tantos pronunciamentos, de tantas scenas violentas e festivas, sentindo as suas ramadas cortadas pelo fogo dos projecteis, resistindo á acção das armas de todas as especies e calibres, vieram succumbir ante a estolida obstinação de meia duzia de energumenos, que mais não são os que conseguiram impôr-se aos colegas e tratar os interesses da população de Lisboa como nunca um conquistador tratou um feudo que acabasse de conquistar.

Os desatinos multiplicam-se. A mudança do brasão da cidade, mudança que os eruditos e cultores da heraldica tem apreciado como merece, constitue um crime de lesa-historia. Se a vereação insiste n'ele é pela mesma razão que certos entes metem a cabeça a uma coisa e não largam sem ter satisfeito a sua vontade, embora vá contra a vontade dos outros.»

Com a apreciação da eminente obra da não menos eminente edilidade tem de ser feita pausada e conscienciosamente — porque assim o exige um monumento de tanto vulto — e como não temos o intuito de tirar aos nossos leitores o desejo de saborearem gulosamente esse delicioso acepipe, continuaremos, pouco a pouco, a fornecer-lh'o em doses calmas mas succulentas.

Composto e impresso no CENTRO TIPOGRAPHICO COLONIAL — Largo Raphael Bordalo Pinheiro, 27 — (Antigo Largo d'Abegoria)